

O Engano do Espelho – A Constituição do Sujeito

Suzana Maria do Egito Rodrigues

“Espelho, espelho meu...” – dirá a bruxa malvada; *“... viverá enquanto não vir a si mesmo”* – dirá Tirésias a Liríope, acerca de Narciso. *“... e com um escudo tão brilhante como um espelho, Perseu segue para matar a Medusa...”* – registra a mitologia grega. *‘O Estádio do Espelho como Formador do Eu’* – escreve Lacan.

Quem não teve a oportunidade de ler, em algum momento da vida, ou de assistir ao filme da fábula de Branca de Neve, sem ficar atento aos momentos em que a bruxa malvada pergunta ao espelho mágico, numa demanda incessante de reconhecimento, quem é a mais bonita do reino? Situado na estória para responder o que está para além do que se encontra posto refletido em sua face, o espelho mágico demarca, a cada indagação proferida pela bruxa, o engodo presente na resposta dada a esta insistente pergunta, a saber: “a mais bonita do reino és tu”. É necessário, então, percorrer toda a história para se deparar com o desvelamento deste engodo: “espelho, espelho meu, diga se existe alguém mais bonita do que eu?”. “Sim, a Branca de Neve”, responde, agora, o espelho. Mas, qual o eixo de virada da resposta?

Ao longo da estória, a rainha é designada ou como rainha ou como bruxa. Não há referência de um nome próprio, apenas dos adjetivos bruxa e rainha, mas que, tomados como nomes próprios, circunscrevem a posição em que ela se encontra situada na fábula. O nome, elemento essencial para a entrada do sujeito no circuito pulsional, é designado pelos pais, funda um lugar na cadeia discursiva e viabiliza o deslocamento do sujeito do estatuto do ser

1

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

www.traco-freudiano.org

Revista Veredas

para o estatuto do ter, no trilho da constituição. Branca de Neve o tem.

Diz nos o princípio da fábula:

“Era uma vez uma rainha muito bonita. Um dia, estando a coser junto da janela picou-se no dedo com a agulha. Uma gota de sangue caiu sobre a neve acumulada no parapeito da janela. O vermelho ficou tão bonito sobre a neve, que a rainha suspirou: — Como gostaria de ter um filho com uma pele tão branca como a neve, os lábios tão vermelhos como o sangue e os cabelos tão negros como o ébano”.

O nome inscreve uma posição que indica a lógica dos lugares, referido sempre a um Outro, apontando para o desejo.

Jerusalinsky, no texto “Como a linguagem é transmitida?”, diz: “... O que está na cabeça do filho depende de seu desejo”.

Este recorte na fábula pode nos servir de metáfora para o momento primeiro, histórico, mítico, de representações antecipadoras, pertencentes ao campo do desejo. Acerca da antecipação, no texto intitulado “*Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*“, publicado em 1909, Freud escreve: “... continuei, dizendo que bem antes de ele nascer eu já sabia que ia chegar um pequeno Hans que ia gostar tanto de sua mãe que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai”.

Pensar a questão do nome remete ao circuito do significante.

Forjado no campo do imaginário, o nome não traz em si a garantia de inscrição simbólica, mas traz registradas as primeiras impressões do significante, no processo de um *advir*, pelo casal parental. Operação que lança o sujeito ao tesouro dos significantes. Daí por diante a articulação entre S1 e S2 possibilita infinitas significações. O nome dito, no entanto, não diz tudo; haverá uma falha propulsora da narrativa, que é demarcada pelo desejo. Será sempre necessário dizer mais um.

Caminhemos algumas linhas adiante na fábula:

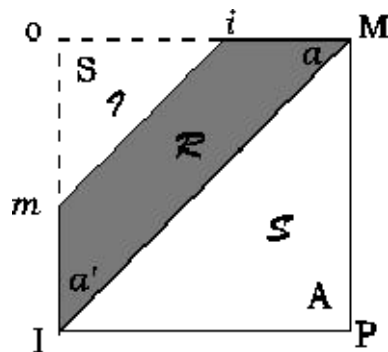
“Pouco tempo depois, a rainha deu à luz uma menina de pele branca como a neve, os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos pretos como o ébano. Assim batiza a com o nome de Branca de Neve”.

Imaginado e nomeado, o *infans*, em condição inefável, dependente e sem inscrição significante nenhuma, é investido pelo nome que operacionaliza, neste tempo fundamental, o circuito pulsional estabelecido em tempos lógicos que culminam na emergência do sujeito pulsional, deixando de ser apenas um “corpo” falado, como nos diz Lacan. Diante desta existência inefável o *infans* se oferta a Outrem, a mãe, que movida por sua falta, encontra no seu bebê um objeto para o desejo. Cumpre-se assim, por parte da mãe, a ilusão imaginária de poder ser completada pelo bebê, atribuído da condição de objeto para o desejo, ou seja, o falo. Este é o apelo ao qual a criança tenta responder ao oferecer-se como objeto do desejo materno.

No entanto, para uma saída neurótica, em que intervem a metáfora paterna, esta ilusão não se sustenta, como demonstra o esquema R de Lacan.

Exposta a realidade, com a intrusão paterna no circuito, mediada pela mãe, a criança é arremessada ao encontro do simbólico, abandonando a condição de assujeitada. Demarca-se aí o pai, enquanto pai simbólico, aquele que supostamente será o único capaz de dar à mãe o que falta a ela, o falo. São esses movimentos que dialetizam a metáfora paterna, fazendo o objeto fálico circular no esquema, indicando o lugar exato para a criança, onde o objeto de desejo da mãe aporta (Anexo 1 - esquema R).

Anexo 1



“*Viverá enquanto não vir a si mesmo*” – dirá Tirésias a Líriope, acerca de Narciso”. No texto: “*Sobre o narcisismo: uma introdução*”, Freud traz questões relativas à formação do eu e da apreensão do objeto. As instâncias do *eu ideal*, relativas à imagem especular, e do *ideal do eu*, formado pela rede de valores herdados dos pais e da cultura, conduzirão o sujeito à aquisição da imagem do corpo. Lacan demonstra estas operações no estágio do espelho, sublinhando a dimensão do olhar e da voz neste circuito. A experiência da identificação eclode quando a criança faz a aquisição da imagem do próprio corpo diante daquele para quem olha e registra como Outro. Imagem alienante criada no duplo, no invertido. Assim é que a imagem especular se inscreve inconscientemente.

“o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde um imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para armadura em fim assumida de uma identidade alienante, que marcara com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (J. Lacan, “O estádio do espelho como formador da função do eu”, 1948, in Os Escritos - p 100).

Narciso, diante de sua imagem refletida no lago, encontra-se preso na armadilha que o espelho produz do duplo no plano virtual, que reflete um todo completo acabado. Fisgado, não reconhece a si mesmo, ficando na linha do imaginário em que a voz que autentica no registro do simbólico fica inviabilizada.

“- Porque me desprezas, bela criatura? E por que foges ao meu contato? Meu rosto não deve causar-te repulsa, pois as ninfas me amam, e tu mesmo não me olhas com indiferença. Quando sorrio, também tu sorris, e respondes com acenos aos meus acenos. Mas quando estendo os braços, fazes o mesmo, para então sumires ao meu contato.

Suas lágrimas caíram na água, turvando a imagem.

- E, ao vê-la partir, Narciso exclamou: fica, peço-te, fica! Se não posso tocar-te, deixa pelo menos admirar-te!”.

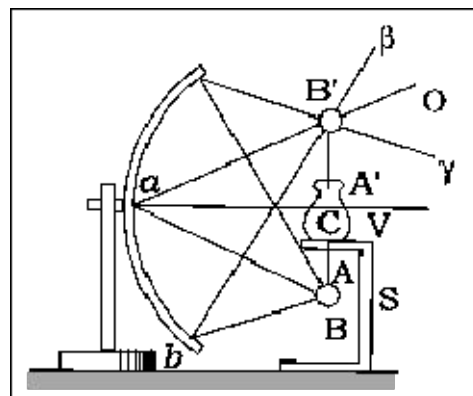
Narciso não consegue reconhecer sua própria imagem e recusa a voz de Eco, pondo-se a escutar apenas a si mesmo, ficando preso ao eixo imaginário.

“... e com um escudo tão brilhante como um espelho. Perseu segue para matar a Medusa...”. Perseu, ao contrário de Narciso, reconhece que é no espelho, no reflexo, que encontrará sua ascensão.

Com o esquema óptico, seguindo a dialética do estádio do espelho, Lacan utiliza-se da experiência do buquê invertido de Bouasse, permitindo aprofundar as relações do sujeito com a imagem entrelaçada com os três registros: real, simbólico e imaginário. Acompanhemos de maneira sucinta.

No primeiro esquema, o do buquê invertido, dialética o estádio do espelho, no qual o sujeito adquire a idéia da totalidade do corpo, antecipando, pela via do olhar que vem do outro, o que ainda não se encontra formado. No esquema, ao invés de uma visão fragmentada do vaso e do buquê de flores, tem-se então a imagem de um vaso com flores. Portanto, está justamente no que este olho olha a imagem de onde o sujeito apreenderá sua própria imagem.

Anexo 2

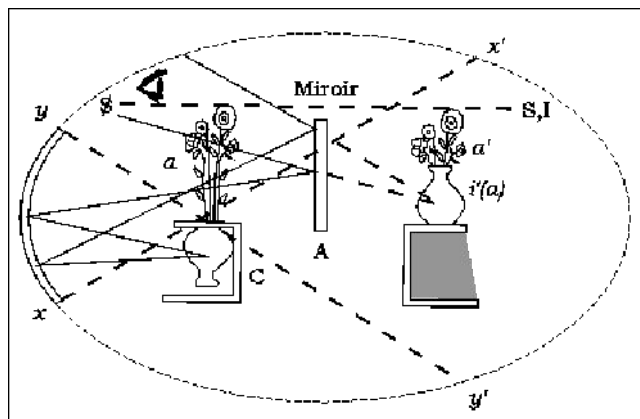


Assim, este olho que olha situa o sujeito no lugar do simbólico que, pela evocação do nome, possibilita ao *infans* surgir como eu.

Introduzindo novos elementos, Lacan utiliza um segundo esquema, apontando para o lugar do Outro. Insere, com o espelho

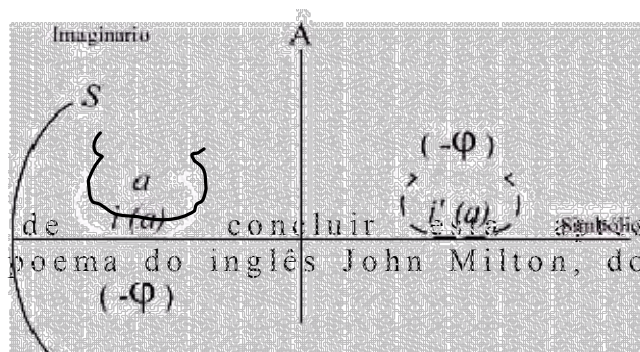
plano, a via pela qual o sujeito pode realizar a ilusão de ver o que está posto no espelho. A imagem virtual se configura agora a partir da imagem real. O corpo real, que se faz refletir no espaço virtual, põe em cena o ideal que o sujeito irá perseguir em busca do reconhecimento. O vaso agora encontra-se dentro da caixa e em sua imagem totalizante; no espelho plano, as flores que bordejam a boca do vaso indicam os possíveis objetos pulsionais, objetos a .

Anexo 3



Por fim, num terceiro esquema, Lacan demonstra a dimensão de engodo que a imagem encerra e põe em evidência a função estruturante da falta. Na boca do vaso já não se encontram mais as flores, mas sim o $-\phi$, a falta, o que dialetiza o desejo.

Anexo 4



Gostaria de concluir esta apresentação com um recorte de um poema do inglês John Milton, do "Paraíso Perdido, Livro IV".

*"... Ao debruçar-me sobre o lago, um vulto
 Bem em frente a mim apareceu
 Curvado para olhar-me. Recuei
 E a imagem recuou, por sua vez.
 Deleitada, porém, com o que avistara,
 Novamente eu olhei. Também a imagem*

*Dentro das águas para mim olhou
Tão deleitada quanto eu, ao ver-me.
Fascinada, prendi na imagem os olhos
E, dominada por um vão desejo
Mais tempo ficaria, se uma voz
Não se fizesse ouvir, advertindo-me:
“És tu mesma que vês, linda criatura”.*